

Representando o Artesanato: O Caso das Biojóias

Representing the crafts: The Biojewelrys case

Soares, Camila Contente Faria; Graduada; Universidade Federal do Maranhão
camila_content@hotmail.com

Caracas, Luciana Bugarin; Ms; Universidade Federal do Maranhão
l.caracas@uol.com.br

Silva, Inez Maria Leite da; Ms; Universidade Federal do Maranhão
inez_sl@hotmail.com

Reis, Luciana Mochel; Graduada; Universidade Federal do Maranhão
lu@mochel.com.br

Santos, Denilson Moreira; Dr; Universidade Federal do Maranhão
denilson@ufma.br

Resumo

Este artigo trata de uma aproximação inicial na apreensão dos pensamentos e sentimentos de artesãs da periferia de São Luís acerca das biojóias e do trabalho em grupo. Visa compreender representações que influenciam e são influenciadas pelas práticas sociais, interferindo no comportamento dos indivíduos e grupos. Para tanto, faz um aporte metodológico na Teoria das Representações Sociais da Psicologia Social.

Palavras Chave: Representações; Artesãs; Artesanato de biojóias.

Abstract

This article discusses an early approach in the apprehension of thoughts and feelings of artisans from the outskirts of São Luís about biojewellery and teamwork. Aims to comprehend representations, that influence and are influenced by social practices, affecting the behavior of individuals and groups. To do this, makes a methodological contribution on the Theory of Social Representations of Social Psychology.

Keywords: Representations; Artisans; Biojewelrys crafts.

Introdução

A consciência da importância do desenvolvimento sustentável atrela-se à inserção social dos indivíduos excluídos do mercado e remete às práticas de responsabilidade social, às políticas de instrução e educação, bem como a colocação destes indivíduos em empreendimentos de economia solidária, visando diminuir as disparidades, o desemprego, a pobreza, etc.

Dos 9,2 milhões de desempregados no Brasil, 3,3 milhões pertencem ao emprego informal e cerca da metade deste contingente é composto pelo sexo feminino. O artesanato é uma das principais atividades recorridas por estas pessoas (GUEDELHA, 2008). É, portanto, um importante meio de inclusão sócio-econômica dos indivíduos de baixa escolaridade e/ou qualificação. Mas, apesar de visto como atividade geradora de emprego e renda, o artesanato também é considerado, muitas vezes, como atividade desvalorizada e transitória.

Diante deste contexto, vê-se o diálogo entre o design e o artesanato se intensificar. Instituições de fomento e incentivo promovem oportunidades criando espaços e condições para que designers possam intervir em grupos, associações e comunidades de baixa renda, exercendo seu papel social. No entanto, a questão é complexa e muitas vezes estas ações não se tornam sustentáveis. Os aspectos subjetivos deste processo, envolvendo representações, significados e identidade, reportam-se a necessidades e comportamentos nem sempre considerados ou compreendidos. Apreender o que sentem e pensam os indivíduos envolvidos contribuirá para melhores intervenções, afinal, os sujeitos falam, relacionam-se e constroem a realidade.

Realizamos, então, esta pesquisa com o objetivo de compreender representações acerca do trabalho artesanal em um grupo comunitário da periferia da capital maranhense formado por mulheres em busca de trabalho e renda - o Grupo ARZA da Associação de Artesanato da Vila Embratel - que produz biojóias. É uma primeira abordagem e outras pesquisas deverão aprofundar as questões aqui levantadas, ampliando a percepção e fornecendo referências para a atuação do designer junto ao artesanato.

O interesse pelo tema é devido ao trabalho de extensão que vem sendo desenvolvido por professores do Curso de Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) junto ao grupo citado. No cotidiano da intervenção percebemos a importância destes conhecimentos.

A Teoria das Representações Sociais foi utilizada como suporte metodológico para a pesquisa.

Representações: aporte teórico

É nos momentos descontraídos, nos ambientes de trabalho, de estudo ou de lazer que se formam as Representações. Nas relações interpessoais, quando se discute o cotidiano, a história ou a cultura, quando se argumenta um fato ou uma reportagem, as Representações são construídas. Estas têm a função de orientação, pois situam o indivíduo no mundo, conformam o imaginário e dão sentido às práticas sociais. Conceituando, Representações Sociais são:

Conjuntos de conceitos, afirmações e explicações que [...] devem ser considerados como verdadeiras teorias do senso comum, [...] pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção de realidades sociais. (MOSCOVICI apud SÁ, 1995, p26)

Indivíduos de um mesmo grupo social constroem uma visão da realidade de maneira consensual (JODELET, 2001), caracterizando a dinâmica social das representações que guiam as ações e trocas do dia-a-dia. Vale ressaltar que Representações são geradas pela interação,

pode-se dizer então, que as Representações Sociais são coletivas, pois fazem parte de uma mesma crença, ideologia, enfim, do senso comum. Este “coro coletivo”, do qual todos fazem parte consciente ou inconscientemente, segundo Moscovici (apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995) pode variar conforme o grupo, classe ou cultura em que são gerados.

Segundo Jodelet (2001), a partilha da idéia e da linguagem cria vínculos e identidade social, por isso a comunicação é um fator primordial para os fenômenos representativos. Esta influi também diretamente sobre o pensamento social, afinal está no âmago dos processos de interação, influência, consenso, dissenso, polêmica. O fator chave das representações é que envolvem a pertença e a participação, sociais ou culturais.

O ser humano representa para dar sentido às coisas, ao mundo. Ao fazer isso, ele atribui significados e constrói sua própria identidade. A representação pode ser fiel ou não à realidade propriamente dita. Isto porque a criação de símbolos serve para o indivíduo criar uma nova realidade para a realidade existente. Os símbolos permitem uma variação sem fim, pois possibilitam que coisas diferentes signifiquem umas às outras. Ainda assim são referenciais, visto que através deles se reconhece a realidade comum a todos. É a referência de mundo que permite a natureza criativa da atividade simbólica, fazendo com que experiências se mesquem, criando esta realidade comum.

Metodologia em representações - amostra, local, observação *in loco* e entrevista

A pesquisa em Representações é multidisciplinar e recorre a metodologias variadas. Recorrendo à Psicologia Social, particularmente à teoria desenvolvida por Moscovici e seus seguidores desenvolvemos este trabalho.

Existem dois níveis de avaliação das representações sociais: um trata da macro-estrutura e foca no processo coletivo (documentos, mídia, etc.), de forma mais ampla; outro parte de grupos e subgrupos e da avaliação individual como representativa do grupo, considerando os elementos comuns aos sujeitos (WAGNER apud Caracas, 2002). Escolhemos o segundo nível. “Não é um indivíduo isolado que é tomado em consideração, mas sim as respostas individuais enquanto manifestações de tendências do grupo de pertença ou de afiliação na qual os indivíduos participam”. (JODELET apud SPINK, 1995, p. 120)

É uma abordagem qualitativa que visa os aspectos chamados subjetivos – significações, motivações, atitudes, etc.

Realizando entrevistas semi-estruturadas e observações *in loco* - instrumentos de coleta de dados - apreendemos - através das falas e ações - representações das artesãs em relação ao trabalho artesanal e à vivência em um grupo comunitário.

O Espaço amostral da pesquisa compreendeu dois grupos: quem produz e quem compra biojóias do Grupo ARZA. Neste artigo apresentaremos apenas os resultados das representações de quem produz. Quem compra, e mesmo quem não compra, será objeto de trabalhos futuros.

A fim de obter resultados mais específicos e pertinentes foi necessário considerar dois subgrupos para quem produz: artesãs veteranas e artesãs novatas.

As artesãs que já vinham participando das atividades do Arza nos últimos anos foram consideradas as “veteranas”. As demais artesãs inseriram-se na atividade recentemente como participantes do curso de qualificação em cerâmica para biojóias e foram consideradas as “novatas”.

Lembramos que na pesquisa “qualitativa” o critério não é numérico. O importante era obter uma gama de informações que nos permitisse compreender o que se queria investigar (MINAYO,1993).

Em campo fomos a três áreas: nos pontos de venda do CEPRAMA, do Campus da UFMA e no local de encontro para produção - o NEVE (Núcleo de Extensão da Vila Embratel), criado pela Universidade. São locais de comercialização e convivência, que nos permitiram entrevistar as pessoas e observar as relações interpessoais.

A observação in loco complementou a visão da realidade, de maneira que tentamos registrar o máximo de ações e relações possíveis. Comportamentos, gestos, falas aconteciam de forma espontânea caracterizando aspectos das relações existentes entre as artesãs e entre elas e outros indivíduos. A organização dos espaços, as decisões, enfim, as falas e ações informais foram importantes e, ora apresentavam novos olhares, ora reforçavam o conteúdo das entrevistas.

Todo o material foi organizado num Diário de Campo (MINAYO,1993). Os dados depois foram analisados e interpretados juntamente às entrevistas.

As entrevistas semi-estruturadas foram um instrumento valioso, pois “[...] a fala pode revelar condições estruturais, valores, símbolos e transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados” (MINAYO apud CARACAS, 2002, p.34).

Estas eram compostas de perguntas fechadas e abertas. As primeiras caracterizavam o entrevistado, já as segundas apenas orientavam o diálogo. O entrevistado podia falar livremente e o entrevistador, através do roteiro, buscava manter o diálogo no foco da pesquisa, estimulando a fala sempre que era necessário. O primordial era a escuta e a observação.

Para que os entrevistados se sentissem mais à vontade na hora da entrevista suas identidades foram preservadas com o uso de nomes fictícios. Em campo, fizemos a gravação de áudio, com sua devida permissão. Depois, as falas foram transcritas *ipsis litteris*, conservando sua originalidade e procurando perceber a retórica, os detalhes, os afetos, as pausas, etc.

Para a análise e interpretação, fizemos a escuta e leitura repetida dos textos – conhecida como “leitura flutuante”. Afinar a escuta, intercalando-a com a leitura das transcrições levou à demarcação dos temas – idéias - centrais. Mapeamos os conteúdos, buscando apreender o sentido das falas (SPINK, 1995).

Com as entrevistas transcritas, tematizadas e refinadas, partimos para a organização dos temas em um “Mapa de Representações” onde pudemos perceber claramente as associações de idéias. Por fim, estas associações foram transpostas para gráficos ou tabelas, tornando sua leitura mais clara, surgindo assim uma percepção da realidade.

O Grupo ARZA Biojóias

O grupo ARZA, produz biojóias com materiais naturais - sementes, palhas e fibras (principalmente de buriti), coco, bambu, madeira, babaçú, cabaça, etc. - desde 2005, quando se constituiu com o apoio do NEVE na Universidade Federal do Maranhão.

Segundo Fátima Lobão (pesquisa direta, 2011), coordenadora do grupo, ao longo destes anos, aproximadamente vinte mulheres em busca de trabalho e renda, moradoras de bairros da periferia da cidade, estiveram junto ao grupo. Recentemente, criaram uma cooperativa. Comercializam seus produtos no CEPRAMA - Centro de Produção do Artesanato Maranhense – e no Campus do Bacanga da Universidade Federal do Maranhão, em prédio próximo à Biblioteca Central. O CEPRAMA é um ponto de venda fixo, porém o maior movimento acontece nos meses das férias, visto ser mais freqüentado por turistas. Já na universidade, uma “banca” é montada pelas artesãs a cada 15 dias. Vendem também para um

comprador europeu, duas vezes por ano. Vendem também em feiras, exposições e eventos diversos na área do artesanato.

Produzem em suas casas e no Núcleo de extensão localizado na Vila Embratel. Lá discutem sobre o trabalho e os produtos – tendências, acabamento, embalagens, tabela de horários nos pontos de venda, organização dos pontos de venda, etc. Prestam contas e dividem os recursos e lucros. Cada artesã recebe o valor referente às suas peças vendidas, mesmo porque cada uma pode colocar para comercialização a peça que desejar, independentemente do valor.

Enfim, algumas artesãs pertencem ao grupo ARZA há vários anos. Outras, recentemente, estão participando de algumas atividades como, por exemplo, a qualificação na produção de peças em cerâmica para biojóias.

Artesãs veteranas e artesãs novatas: caracterização

Das dezessete artesãs do Grupo Arza, entrevistamos nove. Na sua caracterização verificamos onde moram, sexo, faixa etária, escolaridade e renda mensal estimada.

Quanto ao local de moradia, como representado no gráfico (Figura 1), constatamos que as artesãs veteranas têm suas residências nas adjacências do NEVE – uma mora no Sá Viana e cinco moram na Vila Embratel. Já entre as novatas, duas moram no bairro da Vila Embratel e uma em bairro distante - Sol e Mar.

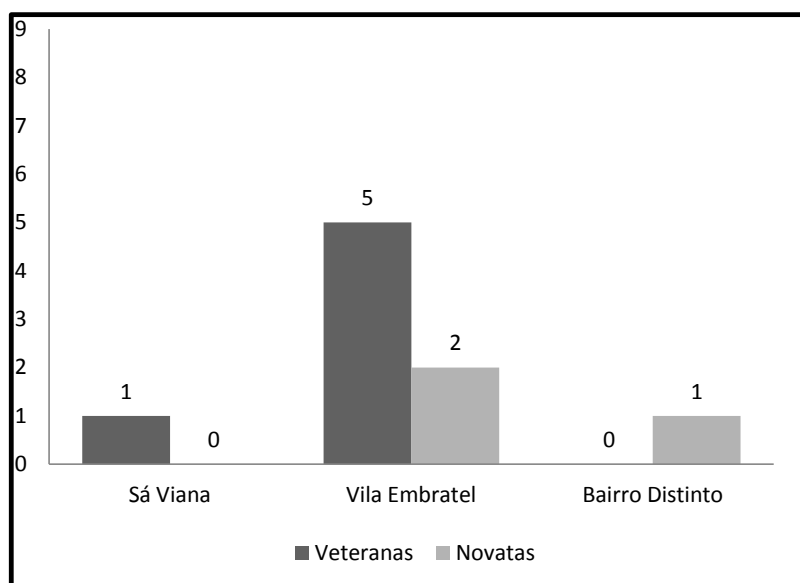


Figura 1: Gráfico Representativo do local de moradia das artesãs entrevistadas

Todos os integrantes do grupo são mulheres.

A faixa etária apresentada no gráfico abaixo (Figura 2), em geral, está entre 41 e 50 anos, com exceção de duas artesãs que possuem entre 25 e 30 anos e entre 51 e 60 anos.

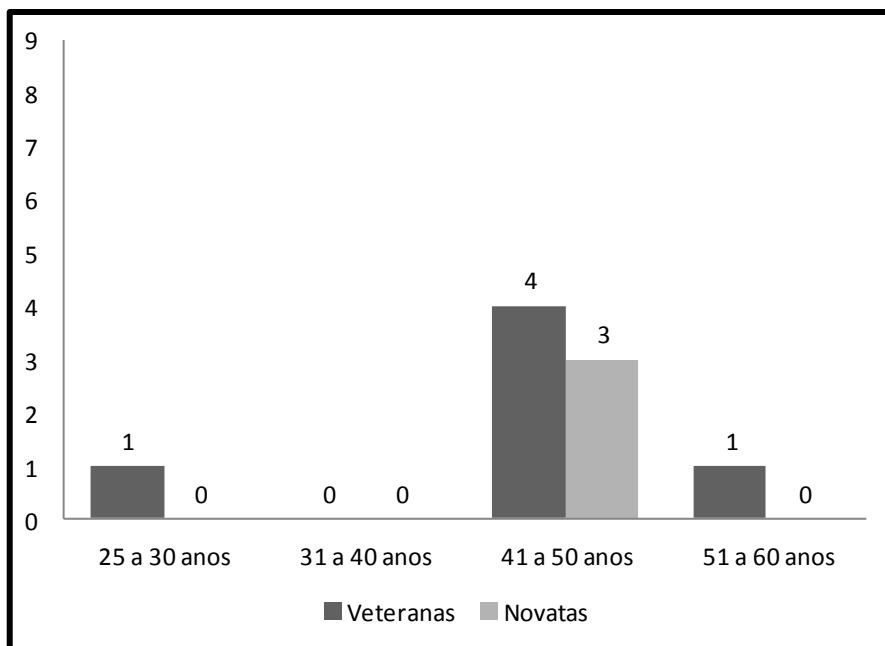


Figura 2: Gráfico Representativo da faixa etária das artesãs entrevistadas

Quanto à educação formal, entre as veteranas apenas três possuem o 2º Grau completo. Uma está cursando o 2º grau e as demais não chegaram a completar o 1º grau. No grupo das artesãs novatas uma possui o 2º grau completo, as demais possuem 1º grau completo e incompleto respectivamente, como representado no Gráfico (Figura 3) abaixo.

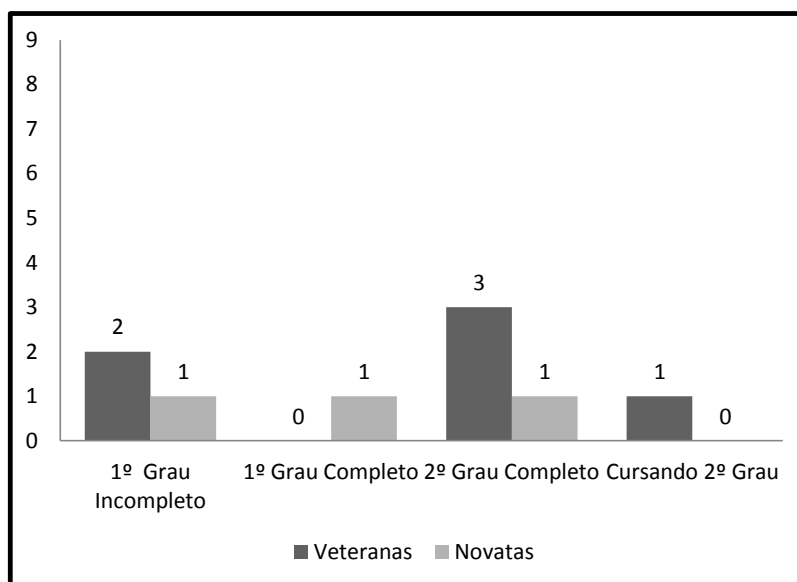


Figura 3: Gráfico representativo do nível de educação formal das artesãs entrevistadas

Retratar a realidade sobre a renda foi mais complexo. Percebemos que a maioria das entrevistadas não possui um controle efetivo de seus ganhos e fornecem informações diferentes a cada vez que esse assunto é abordado. Em geral dizem contribuir com o marido nas despesas da família. Em alguns casos, filhos também contribuem. Quando sozinhas, falam ter dificuldades em ser arrimo de família.

Informam que a renda familiar varia entre um e cinco salários mínimos por mês. Acontece também que dentre as nove, três têm outra ocupação/renda fora o artesanato e duas são pensionistas. As outras quatro têm renda exclusivamente da atividade artesanal.

Representações das artesãs: compartilhando sentimentos e ações

As condições sociais em que um grupo vive delimitam o espaço de experiência de seus membros. A estrutura social [...] determina, em grande parte, o que e como os membros de um grupo pensam. (WAGNER apud GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995, p. 172)

Em seis anos de história, as artesãs construíram relações não apenas de trabalho em grupo, mas também de afetividade, de aprendizado, de empreendedorismo. Buscaram um espaço profissional para si e comercial para o grupo. Construíram conceitos baseados em esperanças e realizações, mas também em dificuldades, desânimos, conflitos, etc. O grupo passou por momentos de crescimento e por momentos de diminuição em seu número de participantes. O que vem influenciando esse processo? Como se sentem fazendo artesanato? O que pensam do trabalho artesanal? Quais as suas motivações e perspectivas? O que acham do trabalho em grupo? São questões importantes para a permanência do grupo. Muito há por se compreender. Realizamos algumas abordagens.

As artesãs e o artesanato: autoestima, lazer, renda, reconhecimento e valorização

Procuramos buscar as representações individuais que constituíam um coro das representações do grupo de acordo com a experiência social comum, focando no artesanato.

Diversos aspectos – positivos e negativos - foram relatados pelas artesãs, demonstrando algumas de suas motivações, a maneira como percebem e se sentem realizando atividades artesanais. Estes nos remeteram a temas como: auto-estima, lazer, renda, reconhecimento e valorização.

A auto-estima surgiu como conceito fundamental para a motivação. Foram diversas as palavras intrinsecamente relacionadas ao tema: o prazer, o gostar, a felicidade, o sentir-se útil... Cada uma das artesãs entrevistadas citou algum ou alguns destes fatores quando era indagada sobre o que pensa do trabalho artesanal e como se sente fazendo-o.

[...] Esse serviço manual, ele é mais prazeroso, porque é uma obra da gente, entendeu? (Marta)

Eu me senti... Eu me senti útil. Porque eu era doméstica antes de casar, de doméstica eu passei pra ser... Dona de casa. (Paula)

Eu me sinto feliz. Ah porque eu me sentia só, eu ficava sozinha em casa, uma baixa estiiima... Não tinha o que fazer, aí não dormia de noite! Aí eu disse pronto... Vou procurar o que fazer na rua. [...] A gente fora de casa... A gente aprende novas coisas e... Conversa, dialoga com os colegas, é melhor do que assim... Ficar em casa... Sem fazer nada, né? (Andreia)

Surgem outras falas indicando a atividade artesanal como terapia, também significando melhor autoestima, porém apresenta interpretações divergentes nos dois subgrupos. Para todas as artesãs novatas fica a imagem de algo desestressante, levando-as a encarar a atividade como "lazer", ou seja, um momento de descontração fora do seu habitual ambiente no trabalho ou no lar.

Esse trabalho manual, crochê, essas coisas, é muito bom pra mente, né? Ele é... Esse trabalho é muito terapêutico! É preciso de algo pra desestressar! [...] Eu faço assim por lazer, né? (Márcia)

Olha, é um trabalho assim, que além de ser prazeroso, né? Ele serve até como terapia pra gente, porque ali a gente fica tão entretido, tão concentrado ali na matéria-prima, que a gente esquece o mundo, né? Então a gente quer fazer o melhor possível! (Marta)

Diante da idéia de "lazer", da observação in loco e de outras falas, fomos levados então a uma questão crucial: a maioria das artesãs novatas não percebe o artesanato como trabalho e sim como hobby, gerando pouco comprometimento com a atividade sob o ponto de vista coletivo e comercial.

As artesãs veteranas também destacam o tema:

Me sinto realizada! [risos] Pra mim é... Relaxante. (Maria)

Ah, eu acho bom, acho ótimo! Uma terapia, ajuda a gente. Eu gosto. (Amanda)

Ah! Pra mim é uma terapia também [além da geração de renda], principalmente quando eu to assim muito estressada, me ajuda, me alivia um pouco. (Ana)

Por outro lado, esta última fala demonstra que as veteranas consideram o artesanato como uma terapia/lazer, mas a geração de renda é fundamental. Em relação a este fator, percebemos um conflito de idéias: um pessimismo existente em torno do artesanato e das vendas - que consideram pequenas - aparece em paralelo à idéia de que a atividade é promissora, pois falam em abrir seus próprios negócios na área, ou seja, momentos de desânimo e dúvida convivem com um desejo de permanecer com o artesanato, mesmo porque este é, para algumas, sua única fonte de renda.

No meu caso foi um bom trabalho, porque... Ah... Quando eu comecei a trabalhar com bijuteria eu passei a ter a minha própria renda. (Ana)

Me sustento, pago minhas continhas, o que eu pago, eu pago desse trabalho! E só desse trabalho! Só artesanato. (Paula)

São representações acerca do presente e do futuro. Se, em alguns momentos, o artesanato gera prazer, sustenta e melhora a autoestima, em outros, associa-se a um sentimento de que deveriam desenvolver alguma outra atividade, relacionada ao estudo formal, a um curso técnico ou superior. É interessante observar que chegam a citar, mesmo despropositadamente, que o artesanato é uma profissão pouco reconhecida e "indigna", em princípio, por não exigir estudo formal.

Me sustento, pago minhas continhas, o que eu pago, eu pago desse trabalho! E só desse trabalho! Só artesanato. [...] Mas... Ah... Eu queria terminar os estudos e seguir alguma carreira decente... (Paula)

Dá pra ajudar alguma coisa... É um... Uma renda extra [para a família]! É minha única fonte de renda, o artesanato. [...] Mas uma coisa que eu busco fazer é um curso técnico! Segurança do Trabalho, Enfermagem... (Maria)

Agora eu terminei de fazer um curso técnico em Segurança do Trabalho. Eu quero continuar com as biojóias, eu vou continuar fazendo, mas eu quero assim... Ter uma profissão mesmo, outra profissão! (Ana)

No conflito de idéias, vemos por um lado o desinteresse e, por outro, o desejo de crescer nos negócios.

Olha tem vez que eu vou... [para o NEVE]. Aí, também tem mês que faço muito, tem mês que eu não faço nada... (Joana)

Agora não tenho mais nem ido no Adolescentro. (Amanda)

Ah, eu penso em parar um pouco com essa bijuteria! Num sei... Procurar outra fonte de renda! Eu acho que financeiramente não tá compensando! (Maria)

Olha, se der certo realmente, a minha presunção é essa [viver de artesanato], porque é algo que assim... Esse serviço manual, ele é mais prazeroso[...] Assim... Cada vez melhor... (Marta)

No futuro? Ai, trabalhar com artesanato, ter minha loja assim... De tudo! Eu não quero assim sozinha, porque muita gente não consegue assim sozinha, sabe? (Fernanda)

Ah, meu sonho era ter uma... Uma lojinha de bijuteria em semente e outras coisas. Ah pra... Porque sei lá... Eu não queria mais voltar pra vida que eu tinha antes, só dona de casa. [...] Eu quero pegar uma lojinha pra mim, entendeu? Um Box pra mim, entendeu? Pra mim dividir com outra colega de grupo! (Paula)

As representações ficam complexas: o desejo de possuir outra atividade, a vontade e a esperança de crescer fazendo artesanato vão resignificando o cotidiano onde a permanência e a desistência se alternam e comprometem a sustentabilidade do grupo, do trabalho e, até, do artesanato local.

Permanência e desistência nos remetem, também, às relações interpessoais entre as artesãs. Ao longo do tempo, as veteranas construíram: amizades, companheirismo, conhecimentos, etc. E nestes se fortaleceram. Um dos fatores pelos quais apontam nunca ter desistido é o fato de terem umas às outras.

O que me anima é assim... O companheirismo. É que eu gosto muito das meninas, da companhia delas, eu gosto. Eu gosto muito assim... De ____, entendeu? Por isso que eu ainda não saí de lá assim... (Amanda)

Falam daquelas que já saíram com muita emoção e carinho. Inclusive, a redução do número de pessoas no grupo foi citada como algo desanimador.

Como eu já perdi muitas colegas do grupo que eu gostava muito... Minha colega ____, que pra mim não era colega, era como uma amiga. Fiquei muito

triste, mas fazer o quê? Melhorou de situação, ela já tem a lojinha dela... Todo mundo saiu, aí desanimou! As colegas, a maioria saiu. Outra[...] tá trabalhando... hoje ela é... Garçonete! Aí, minhas colegas queridas, agora só tem três! (Paula)

Vivenciaram, obviamente, conflitos e concorrências, novidades e monotonias que, embora não seja um discurso aberto, claro e direto aponta para certa desmotivação. Estes trazem consigo reflexões com relação ao seu próprio futuro.

[O trabalho em grupo] É bom, mas às vezes é estressante! [risos] De lidar assim... [...] Às vezes chegam até a falar ‘ah porque ela botou só as peças dela’ [referindo-se às vendas], mas não é... Isso deixa a gente muito triste! (Maria)

É bom, trabalho em grupo é bom! Porque tudo... Tudo tem sua diferença, mas... A gente sabendo entender um ao outro... Ah... Não pergunta isso não! ‘Contendo’ [contendo = brigas], todo mundo tem aí... Todo grupo tem! (Joana)

[...] É complicado, porque muitas vezes as pessoas concorrem. (Ana)

[...] Eu pretendo assim, ter uma loja minha, só de biojóias! Só minha! (Joana)

Eu acho bom! Eu gosto... De trabalhar em grupo, agora tem colegas que não gostam! Eu não sou muuito receosa [com a divisão de lucros]. Tu sabe que todo mundo gosta de dinheiro, né? Sem dinheiro a gente não faz nada, né não? Mas eu sei compartilhar. (Paula)

Relações interpessoais, interesse pelo artesanato e renda nos faz destacar um outro ponto: o reconhecimento e a valorização do trabalho pelo “outro” que também vincula-se à auto-estima. É um conceito no qual percebemos diferenças nas representações dos subgrupos. As artesãs novatas vêm o reconhecimento do seu trabalho nos elogios recebidos e nas peças realizadas.

[...] Eu faço pra mim e aí as pessoas vêm, né? E acabam pedindo. Aí eu faço. [...] Eu vejo o prazer das pessoas sabe? Aquela alegria delas, porque... Eu sou auxiliar de enfermagem, aí eu chego com algo assim... ‘foi tu mesmo que fez?!’, aí eu fico assim tão convencida. (Márcia)

É tão legal quando a gente faz uma coisa que a pessoa diz ‘uh, não, isso aqui ficou legal!’, então aquilo ali dá... Né? Dá um tchan na gente! (Marta)

Já as veteranas consideram os elogios e as vendas. Quanto aos elogios como expressão de reconhecimento, apreendemos diferentes sentimentos em relação à atitude dos consumidores, tanto moradores da ilha quanto turistas. Nessa visão prevalece a subjetividade. Percebe-se um sentimento de alteridade: se o outro não valoriza o que eu faço é porque não há o que valorizar.

Olha, eu fico muito... Muito feliz da vida quando chega um cliente que olha uma peça, minha ou das colegas, pra mim tanto faz, que dá valor no nosso serviço. Porque as pessoas, principalmente as de São Luís, desvalorizam muito... Eles não dão valor ao que a gente faz... (Paula) [Se referindo a momentos em que moradores locais olham, não elogiam e não compram]

E as vendas? Se forem fracas tendem a desanimar as artesãs e favorecem a construção de uma representação pessimista da atividade.

Pra mim... Na hora que você tá vendendo, se tem movimento, assim... Eu acho satisfatório, eu gosto [de fazer artesanato!]. (Maria)

O que desanima é que assim... O movimento aqui é fraco. Aí tem pouca gente, freguês... Olha se melhorar as vendas... Vambora ver o quê que vai acontecer aqui no CEPRAMA. Mas se não [melhorar o movimento], eu quero procurar outro emprego. (Amanda)

Quando eu to no Ceprama eu passo o dia todinho lá produzindo! É porque às vezes não tem cliente lá. [Produzo]...Pra passar o tempo também. Porque ali é chato! (Paula)

Verificamos, com as falas e a observação in loco, que os pontos de venda interferem enormemente na geração de renda e nos sentimentos relativos à permanência e continuidade do grupo.

Os temas acima surgiram nas falas. São importantes, pois o ser humano representa para dar sentido às coisas, ao mundo. Não há dúvida de que ao fazer isso, ele atribui significados e constrói sua própria identidade, age.

Nos Quadros (Figuras 4 e 5) abaixo, temos um esforço de esquematização desse assunto complexo que não está acabado, mas indica novas pesquisas e aspectos que podem contribuir para as intervenções de design.

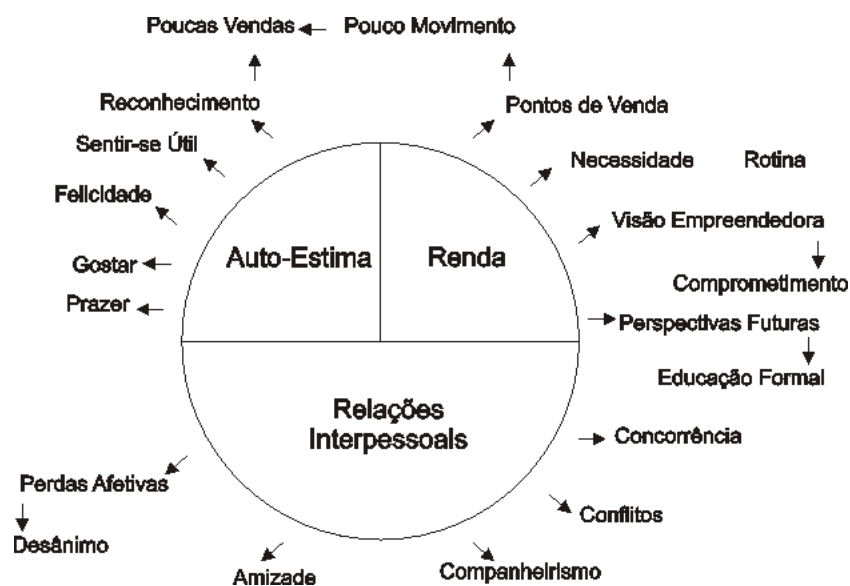


Figura 4: Quadro Esquemático dos temas/ideias representados pelas artesãs veteranas

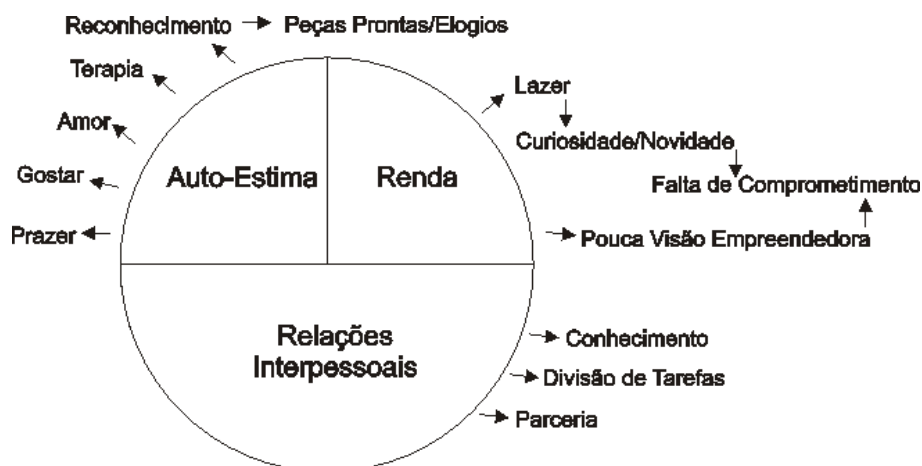


Figura 5: Quadro Esquemático dos temas/ideias representados pelas artesãs novatas

Conclusão

Os indivíduos têm sua concepção de mundo, construída coletivamente. Em grupos, em sociedade, em um determinado tempo apresentam vários elementos que em conjunto influenciam a ação coletiva. O artesanato é o contexto em foco.

Neste trabalho, abordamos um grupo de mulheres produtoras de biojóias. O conteúdo de suas falas nos esclareceu alguns fatores motivadores para sua inserção no trabalho artesanal. Apreendemos que a atividade artesanal é em si mesma, motivadora e favorece o sentimento de melhor autoestima, satisfação em saber e fazer algo, etc. Outra representação individual trazida para o campo do coletivo foi a idéia de que o artesanato é uma atividade que gera renda, porém, renda, reconhecimento e valorização, trabalho em grupo comunitário, escolhas e oportunidades, entre outros temas estão no centro de sentimentos contraditórios. E muitas outras questões acerca das representações envolvendo o artesanato ainda precisam ser investigadas.

É importante aprofundar e ampliar a apreensão de como sentem e pensam os envolvidos com o artesanato.

São conhecimentos que podem embasar estratégias e políticas públicas para que esta seja uma atividade valorizada e inclusiva, não ficando a mercê da informalidade e dos empregados temporários. Estes conhecimentos podem também favorecer intervenções em design, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico e cultural de grupos e comunidades.

Referências

CARACAS, Luciana Bugarin. **Viver e Sentir. Investigando os significados atribuídos aos espaços livres públicos da Rua da Estrela.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002, 123p.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHOLOVITCH, Sandra [orgs]. **Textos em Representações Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUDELHA, Eli James da Silva. **A todo pano: uma experiência em design na produção artesanal de bolsas femininas.** Monografia de graduação - Curso de Desenho Industrial - UFMA, 2008.

JODELET, Denise [org]. **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EDUFRRJ, 2001.

MINAYO, Maria C de S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane [org]. **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHOLOVITCH, Sandra [orgs]. **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.